

## O Tratamento do Espaço em *Jacques le Fataliste* de Denis Diderot

Marinêz de Fátima Ricardo (UNESP)

### Resumo:

*O romance Jacques le fataliste de Denis Diderot, escrito na França do século XVIII, apresenta características singulares tanto para sua época como para os seus sucedâneos. Dentre as quais se pode observar a maneira inovadora como o espaço foi trabalhado na obra. Como guiados pelo acaso, sem definir seu lugar de partida e nem o de chegada, o leitor é conduzido pela estrada, espaço da transição e do efêmero, em que os dois personagens seguem em viagem, sem saber qual será o seu destino e as paragens que os aguardam: albergues, castelos e vilarejos. Assim, espaços abertos e fechados, campo e cidade, por exemplo, intercalam-se, criando um conjunto complexo que ora omite e ora expõe informações, revelando a tentativa da aproximação da transcrição da realidade na obra.*

**Palavras-chaves:** espaço, romance francês, romance realista, Denis Diderot. *Jacques, le fataliste.*

### Introdução

"Donde vinham? Do lugar mais próximo. Para onde iam? Sabemos lá para onde vamos? Que diziam? O amo, nada; Jacques dizia que seu capitão dizia que tudo o que acontece de bom e de mau cá embaixo estava escrito lá em cima". Com esse questionamento e respostas vagas, o narrador de **Jacques le fataliste** inicia a história de Jacques e seu amo, que se encontram em uma estrada, informação inicial sobre a localização espacial. Ao mesmo tempo, determina uma relação entre o "embaixo" e "em cima."

Jacques, influenciado por seu capitão, acredita que lá em cima é onde está o grande rolo em que tudo que acontece está escrito, sem se determinar o autor. É o espaço da criação, da manipulação. Na parte de baixo, é onde os fatos acontecem, em que a história se desenvolve.

Os dois personagens encontram-se em uma estrada que os leva para um destino não informado pelo narrador em boa parte da narrativa. Didier (1998) afirma que a viagem por essa estrada pode ser interpretada como a sociedade francesa do século XVIII. Isso se torna pertinente ao se pensar nos diferentes personagens que cruzam o caminho de Jacques e seu amo, são tipos que representam a sociedade contemporânea à obra: o médico, os ladrões, o bufareiro, representantes da justiça, o carrasco.

Para se entender um pouco as variações espaciais que ocorrem em **Jacques**, é necessário conhecer um pouco de sua estrutura. Dentro de uma desorganização, intencional, da linearidade esperada para uma narrativa, os fatos, neste romance, são narrados da maneira e na ordem em que acontecem ou que são lembrados. Esse artifício é usado para criar idéia de realidade, a vida como ela é.

Andrau (2006) afirma que isso gera inúmeras interrupções no fio condutor da viagem (e conseqüentemente no romance), que é a narrativa dos amores de Jacques. Dessa forma, a obra se estrutura em quatro elementos fundamentais: a viagem dos dois personagens, a história dos amores de Jacques, as histórias anexas dos personagens secundários e as intervenções pessoais do narrador.

O romance cria a impressão de que não se tem um destino definido e o narrador/autor, por meio de suas interferências, faz questão de manter essa idéia. "Mas por Deus, autor, direis, onde iam?... Mas, por Deus, leitor, responderei, quem sabe para onde vai? e vós, para onde ides?" (DIDEROT, 1962, p.66)

O autor ficcional, ciente na curiosidade do leitor, insere esse questionamento em diferentes passagens. Assim, ele nega a informação ao mesmo tempo que relembra ao leitor que ele não a tem. É um processo que instiga a curiosidade, tanto do leitor ficcional como do real.

Nesse contexto, fazem-se pertinentes as palavras de Bourneuf e Ouellet (1972), que afirmam que a simples representação gráfica do espaço como etapa preliminar de estudo, faz geralmente aparecer características importantes, em um caso extremo, se essa disposição é impossível de reproduzir pelo desenho porque as indicações são raras, muito vagas ou contraditórias, o romancista pode trair sua incapacidade e fazer nascer um mundo concreto de objetos, ou seu desejo de conservar a confusão para prolongar o leitor no sonho, ou o obrigar a considerar sua narrativa como uma fábula em que a localização tem pouca importância. No caso de Jacques, parece que as últimas considerações são as mais adequadas.

Como guiado pelo acaso, sem definir o lugar de partida e nem o de chegada, o leitor é conduzido pela estrada, espaço da transição e do efêmero, em que os dois personagens seguem em viagem, sem saber qual será o seu destino e as paragens que os aguardam: albergues, castelos e vilarejos.

Assim, entre espaços abertos e fechados, campo e cidade intercalam-se, criando um conjunto complexo que ora omite e ora expõe informações, revelando a tentativa da aproximação da transcrição da realidade na obra, fator importante e marcante nas narrativas do século a que ela pertence.

## **1. Alguns Esboços**

O romance não é construído apenas por suas omissões de informações. Há passagens em que fornecem indícios ou até mesmo a localização precisa dos personagens. Além disso, eles não ficam todo tempo apenas na estrada, eles precisam parar para descansar. E assim como os heróis de Cervantes - tão bem lembrados pelo narrador de **Jacques** - eles param em albergues em que novas histórias são inseridas pelos personagens secundários.

Em outros momentos, são guiados pelos imprevistos. Como no episódio em que Jacques esquece a bolsa que tinha o dinheiro de seu amo no último lugar em que haviam dormido. Anteriormente, o narrador omitiu o local, apenas informa:

Continuando essa discussão durante a qual poderiam dar a volta ao mundo sem deixar de falar um só instante e sem chegar a um acordo, foram colhidos por uma tempestade que os obrigou a andarem... - A que lugar? - A que lugar, leitor? Sois de uma curiosidade bem incomoda! E que diabo tendes com isso? Quando vos tivesse dito Pontoise ou Saint-Germain, Notre-Dame de Lorette ou Santiago de Compostela, de que iria servir-vos? Se insistis, dir-vos-ei que se encaminharam a... sim; por que não? - a um imenso castelo, em que cujo frontispício lia-se: "Não pertenço a ninguém e pertenço a todo mundo. Antes de entrar, aqui vos encontráveis; e ainda estareis aqui, depois de irdes embora". (DIDEROT, 1962, p.46)

Deixa nítido que apenas buscou uma resposta para o questionador leitor que a todo momento insiste em saber onde os fatos ocorrem. Porém, ao mesmo tempo enfatiza que essa resposta pode ser múltipla sem que isso tenha nenhuma utilidade, é uma satisfação ao que é esperado em um romance, que ele forneça a definição e explicitação dos elementos básicos de narrativa: tempo, personagem, enredo, narrador e espaço. E isso é negado na escritura dessa obra.

Smietanski (1965), em seu estudo sobre o realismo em **Jacques le fataliste**, comenta que nessa obra o cenário, as paisagens, os lugares apenas são descritos quando eles têm um papel particular na ação dramática ou quando contribuem para ilustrar uma característica. Em outros casos, as descrições se reduzem a nuances e são, portanto, quase inexistentes.

Dessa maneira, depois de omitir o local onde os dois pernотaram - páginas adiante, sendo Jacques obrigado a retornar, para recuperar a bolsa - o narrador informa inclusive o nome da cidade,

todavia não perde a oportunidade para desmacarar o processo de escritura. Ele não havia dito antes pois não lhe ocorrera essa idéia.

Entraram na cidade, pois fora numa cidade que Jacques e seu amo haviam pernoitado na véspera; já agora me lembro. (...)

Se já não vos disse há mais tempo que Jacques e seu amo tinham passado por Conches e aí haviam alojado em casa do lugar-tenente geral, foi porque isto não me ocorrera antes. (DIDEROT, 1962, p.51)

A busca pela localização geográfica em que os fatos teriam ocorrido já instigou alguns estudiosos. Curial (2001) acredita que Conches se trata de Conches-en-Ouche, na Normandia, região bem conhecida por Diderot. Contudo, como o próprio narrador apontou anteriormente, poderia ter sido qualquer outro lugar o indicado.

Terrasse (1999) corrobora, afirmando que os personagens vêm de Paris ou de Londres, que eles param em um povoado ou em um outro, que são apenas uma parte de seu destino. As precisões geográficas na obra teria um valor anedótico. São suposições sobre o lugar exato, pois não há nada que possa certificar essas informações.

Há outros momentos em que os determinantes do destino e do espaço dos personagens são os mais bizarros possíveis como nas passagens em que Jacques é levado por seu cavalo a forcas patibulares.

Mas o cavalo de Jacques foi de outra opinião; repentinamente toma os freios nos dentes e se precipita por um pântano. Jacques aperta-o em vão entre os joelhos e encurta as rédeas, em pleno charco: o animal, cabeçudo, prossegue e põe-se a subir rápido um montículo, onde estaca de repente e onde Jacques, relanceando o olhar em volta, se vê entre forcas patibulares. (DIDEROT, 1962, p.62-3)

(...)

Jacques ia começar a história de seu capitão, quando pela segunda vez, o cavalo, lançando-se bruscamente fora da estrada real, pela direita, leva-o através de uma longa planície a um bom quarto de légua de distância, e pára subitamente entre forcas... Entre forcas! Aí temos um singular procedimento de cavalo para levar seu cavaleiro ao patíbulo!... (DIDEROT, 1962, p.74)

(...)

O cavalo de Jacques não permitiu ao amo que termine; parte como um raio pela estrada real, não tomando nem a direita nem a esquerda. Jacques sumiu de vista; e o amo, persuadido de que o caminho conduzia a forcas, ria a mais não poder. (DIDEROT, 1962, p.78)

A repetição da ação do cavalo leva os personagens a pensar que Jacques seria enforcado. Eles buscam uma resposta premonitiva na atitude inexplicável do animal. O mistério se resolve ao se descobrir que o cavalo pertencera ao carrasco daquela cidade. Por isso, ele sempre ia às forcas, era um caminho habitual para ele, não havia nisso nenhum indício premonitório.

Assim, o cenário das forcas faz-se necessário para que se possa existir a trama que se segue e criar um contexto em que se possa criticar a mistificação comum à época. O narrador cria uma expectativa no leitor e depois a quebra com uma explicação racional e cômica.

Depois de mais de 200 páginas de leitura é revelado o destino e o objetivo da viagem de Jacques e seu amo. Iriam visitar o filho do Cavalheiro de Saint-Ouin com a senhorita Agathe, o qual era sustentado pelo amo.

Certa manhã, disse o amo ao criado: "Jacques, enfreia e sela os cavalos e enche o garrafão; temos de ir onde já sabes." O que foi feito num abrir e fechar de olhos. Dirigiram-se ao lugar onde vinha sendo criado há dez anos, a expensas do amo de

Jacques, o filho do Cavaleiro de Saint-Ouin. A alguma distância do albergue que acabavam de deixar (...) (DIDEROT, 1962, p.250)

Solucionado enigma, o romance chega ao fim, pouco resta a ser narrado. As ações que transcorrem a partir desse momento são tentativas de um fechamento para o que ficou suspenso durante o trajeto, ou seja, a história dos amores de Jacques.

## **2. Cenários e Cenas**

Entre as poucas descrições e precisões apresentadas pelo narrador, há algumas que parecem encomendadas como se fossem para contrapor às omissões anteriores, pois criam passagens descritivas, verdadeiros quadros.

Enquanto nosso dois teólogos discutiam em vão, como pode acontecer em teologia, a noite se aproximava. Cruzavam certa região habitualmente perigosa, sobretudo num tempo em que a má administração e a miséria haviam multiplicado ao infinito o número de malfeitores. Abrigaram-se na mais miserável das estalagens. Prepararam-lhes duas camas-de-vento num quarto de tapiques entreabertos por todos os lados. (DIDEROT, 1962, p.34)

A miséria descrita pertence ao ambiente de insegurança gerado aos dois personagens. Instalados em um albergue paupérrimo, cercados de malfeitores cria-se o cenário perfeito para as próximas ações de Jacques. Mas essa descrição não se prende a detalhes, apenas mantém a utilidade já apontada anteriormente.

Smietanski (1965) também tece observações a esse respeito, ele comenta que mesmo quando se descreve os lugares, não se tem uma pintura, há uma certa *secura* nos termos empregados. Se fosse analisada mais de perto as descrições presentes na obra, constatar-se-ia que elas não apresentam características muito acentuadas.

No final da narrativa, há um verdadeiro retrato de Jacques na prisão. Todas as pincelas são carregadas de tons escuros, além de ter os pés e as mãos presos a ferro, o local é sombrio, úmido em que tem que se defender dos ratos e ratazanas que ali habitam. Mostra a decadência do herói, tolhido de sua liberdade, mal alimentado lembrando a filosofia que tanto defendera em toda a viagem.

O terceiro parágrafo nos mostra Jacques, nosso pobre Fatalista, com ferros nos pés e nas mãos, estendido sobre a palha no fundo de um cárcere escuro, a lembra-se de tudo que guardara dos princípios da filosofia de seu capitão, e não estando longe de crer que talvez um dia sentisse saudades daquela masmorra úmida, infecta, tenebrosa, onde era alimentado de pão negro e água, e onde precisava defender os pés e as mãos contra o ataque dos ratos e das ratazanas. (DIDEROT, 1962, p.260)

Além disso, há um cenário em **Jacques**, que se destaca em especial pela forma detalhada que é apresentado. O narrador diz ter se esquecido de retratar a cena e fornece informações, aproximando a narrativa dos textos teatrais.

Leitor, esqueci-me de descrever-lhes a situação dos três personagens de que vimos tratando: Jacques, seu amo e a hospedeira; em razão desse esquecimento, vós os ouvistes falar, mas não os pudestes ver; antes tarde do que nunca. O amo, à esquerda, de chambre e de barrete de dormir, estendia-se preguiçosamente numa grande poltrona forrada de tapeçaria, lenço jogado sobre o braço da poltrona, caixa de rapé na mão. A hospedeira no fundo, em frente à porta, perto da mesa, segurando o copo. Jacques, sem chapéu, à sua direita, cotovelos apoiados na mesa, e a cabeça inclinada entre as duas garrafas: outras duas garrafas no chão, ao seu lado. (DIDEROT, 1962, p.134)

O narrador pára a narrativa para poder descrever o cenário onde ocorrem os fatos, há a preocupação "pintar" o quadro, pois - "os ouvistes falar, mas não pudestes ver" - o leitor tem que

recriar a cena, tem que ver o que se passa. Os personagens estão posicionados na expectativa do início da ação. Ao se ler o fragmento, pode-se realmente recriar o painel descrito, o espaço imaginário é concretizado pela riqueza dos detalhes, fato raro neste romance.

## **Conclusão**

Um paradoxo se cria nesse romance, entre tantos já apontados nas obras de Diderot, ao se negar a denominação do espaço em que se ocorrem os fatos, enfatiza-se esse elemento, gera-se um questionamento, explicita-se e omite-se ao mesmo tempo.

Kundera (1987) conceitua, de maneira geral, que o espaço criado nesta obra é algo jamais visto antes na história do romance: é uma cena sem cenário: de onde ele vieram? Não se sabe. Não se há esforço em fazer acreditar que seus personagens existem realmente e em um momento determinado. Em toda história do romance mundial, **Jacques le fataliste** é a recusa mais radical da ilusão realista e da estética do romance dito psicológico.

Assim, entre omissões e informações, a viagem é concluída, chega-se ao local esperado e apenas divulgado preste à chegada. Ao percorrer toda a estrada também finaliza o romance mantendo-se em Jacques a certeza de que "tudo que acontece aqui embaixo está escrito lá em cima" mesmo sem se saber onde se está, para onde se vai, qual poderá ser o destino de cada um, nem lá e nem cá.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANDRAU, Paule. **Jacques le Fataliste et son maître**. Rosny: Bréla, 2006.
  - [2] BOURNEUF, Roland, OUELLET, Réal. **L'univers du roman**. Paris: PUF, 1972.
  - [3] DIDEROT, Denis. **Jacques le Fataliste et son maître**. Manchecourt: Gallimard, 2003.
  - [4] \_\_\_\_\_. **Jacques, o fatalista**. Tradução Antônio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
  - [5] DIDIER, Béatrice. **Jacques le Fataliste et son maître de Diderot**. Saint-Amand (Cher FR) Gallimard, 1998.
  - [6] KUNDERA, Milan. Introduction à une variation. In: **Jacques et son maître** - hommage à Denis Diderot. Mayenne, 1987.
  - [7] SMIETANSKI, Jacques. **Le réalisme dans Jacques le fataliste**. Paris: A.G.Nizet, 1965.
- TERRASSE, Jean. **Le temps et l'espace dans les romans de Diderot**. Oxford: Voltaire Fondation, 1999.

## **Autor:**

**Marinêz de Fátima RICARDO, Doutoranda**

Universidade do Estado de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho"(UNESP - Araraquara)

Departamento de Estudos Literários